



A GRAMMATICA PHILOSOPHICA DA LINGUA PORTUGUEZA, DE SOARES BARBOSA, COMO PROPOSTA A UMA GRAMÁTICA UNIVERSAL DA LÍNGUA PORTUGUESAⁱ

Adel Malek Hannaⁱⁱ,
Adriana Alves de Lima

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras:
Linguagem e Identidade,
Universidade Federal do Acre-UFAC (2020),
Brazil

Abstract:

O presente artigo propõe desenvolver um estudo sobre a *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*, de Jerônimo Soares Barbosa, enquanto protótipo de uma Gramática Gerativa Portuguesa. O objetivo é averiguar se a Grammatica de Soares Barbosa pode se vista como sendo uma Protogramática Gerativa, a julgar pelas características que permeiam a obra enquanto proposta de uma Gramática Geral/Universal. O método adotado foi qualitativo, com levantamento bibliográfico e documental, de natureza básica, com pesquisa exploratória sobre a obra em questão e sobre a Gramática Gerativa de Chomsky. No decorrer da pesquisa fizemos um levantamento sobre a representação da linguagem que antecedeu a escrita, passando por uma breve explanação sobre os primeiros gramáticos para então trabalhar com a *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*, como meio de conhecer e detectar algumas de suas características principais no quesito da Gramática Universal. Na sequência, a pesquisa se voltou para a Gramática Gerativa, buscando fazer um levantamento de suas características e particularidades no que se refere à Gramática Universal, para, então fazer um estudo mais aprofundado sobre a parte Lógica da Grammatica de Soares Barbosa, correspondendo aos livros III e IV dessa obra. Após o percurso feito, notou-se que a obra de Soares Barbosa apresenta elementos inovadores e relação as outras gramáticas de base jesuítica. Esses aspectos inovadores estão no desenvolvimento dos livros I e II que tratam da Orthoepia e da Orthografia, mas que não foram contemplados com um estudo mais aprofundado sobre eles. E a proposta de uma Gramática Geral se concretizou a partir da argumentação proposta por Soares Barbosa, tomando como princípio básico elementos gramaticais que pertencem ao campo psíquico e comum a todos os seres humanos, independente da língua, do país em que vive.

ⁱ THE PHILOSOPHICAL GRAMMAR OF THE PORTUGUESE LANGUAGE BY SOARES BARBOSA AS A PROPOSAL FOR A UNIVERSAL GRAMMAR OF THE PORTUGUESE LANGUAGE

ⁱⁱ Correspondence: email adel.amh@me.com, drycaalves25@gmail.com

Keywords: gramática geral/universal, gramática gerativa, Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza

1. Introdução

O desenvolvimento de um estudo sobre a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* de modo a desnuviar suas características e elementos referentes ao aprofundamento sobre a proposta de uma Gramática Geral e relacionar a Gramática Gerativa, proposta por Chomsky, demandou tempo e um esforço mental quanto às etapas e desenvolvimento da pesquisa. Mas por que desenvolver esta pesquisa e não outra? Por vislumbrar a necessidade de compreender que a gramática tal como a conhecemos hoje está dotada de falhas e ocultamento, e até apagamento de características que se fazem necessárias para compreender o uso adequado da gramática enquanto ferramenta que contribui para o entendimento da língua.

As gramáticas que hoje percorrem as livrarias, as escolas e até a internet apresentam, em parte, um olhar focado em promover uma gramática que simplifique seu uso a meras regras estagnadas e, por vezes, incertas quanto ao uso. Esta forma de conceber algumas gramáticas me levou a refletir sobre o que é a gramática e qual o seu papel na sociedade. Partindo dessa perspectiva e olhando para o entorno de uma multiplicidade de línguas que permeia o globo, nos trouxe algumas dúvidas que precisavam ser sanadas: As Gramáticas evoluíram desde os seus primeiros escritos, e mesmo com tamanha evolução tecnológica, a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, de Soares Barbosa, está na mesma linha das gramáticas atuais? E se a Grammatica Philosophica que se põe como sendo uma Gramática Geral, ela é realmente Geral? A Gramática Philosophica pode ser Vista como uma Protogramática Gerativa, a partir do que propõe a Gramática Gerativa de Chomsky, quanto à universalidade estrutural das línguas?

A partir destes questionamentos e outros mais que forem surgindo, ou remodelando, nos levou a necessidade de compreender a estrutura organizacional e ideológica da Grammatica Philosophica de Soares Barbosa a fim de evidenciar elementos concretos quanto à proposta de um rompimento com a estrutura padrão da época, século XIX, e de que forma este rompimento contribuiu para que a Grammatica Philosophica pudesse ser colocada no patamar de uma Gramática Geral ou Universal?

Para levar a cabo a pesquisa, propusemos uma pesquisa de natureza básica, através do método científico dedutivo, pautado na pesquisa exploratória, com levantamento de dados através de materiais bibliográficos e documentais, com o uso de artigos científicos, livros, a *Grammatica Philosophica de Lingua Portugueza*, de Soares Barbosa, como documento, dentre outros materiais que se fizeram necessárias.

O artigo se divide em quatro seções: a primeira seção corresponde ao princípio das reflexões sobre a reprodução da língua através do tempo e do espaço, partindo do Antigo Egito até os primeiros estudiosos da língua; a segunda seção trata-se de um levantamento conceitual sobre a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, onde buscamos conceituar cada um dos livros de forma a evidenciar suas características e elementos contemplados na obra; a terceira seção foi um levantamento exploratório sobre a Gramática Gerativa, buscando apresentar os conceitos, características e processo evolutivo desta; a quarta e última seção corresponde a uma

análise direcionada à parte Lógica da Grammatica Philosophica de Soares Barbosa referente aos Livros III e IV, a fim de evidenciar as características que possam colocar a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* como uma possível Protogramática Geral e Universal da Língua Portuguesa.

2. Exórdio Gramatical Sob O Olhar De Soares Barbosa Em Sua Grammatica Philosophica Da Língua Portuguesa

Hoje, no meio acadêmico de Letras, pouco, ou quase nunca se houve falar dos primeiros gramáticos da Língua portuguesa, promovendo uma defasagem quanto à compreensão do valor real e do uso da gramática nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Essa defasagem acaba afetando também o próprio desenrolar da língua enquanto ferramenta comunicativa oral e escrita, principalmente. Evidente que para se fazer um resgate acerca da origem e evolução tecnológica da gramática seria necessário desenvolver um estudo que demandaria uma quantidade significativa de dados e obras que pudesse dar conta de tal empreitada, o que não é o nosso caso neste momento.

O que se pretende aqui é promover um reflexão sobre a *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa (GPLP)*, em virtude de sua importância no cenário das gramáticas da Língua Portuguesa e também para os estudos linguísticos, tendo em vista que a gramática de Soares Barbosa propõe um rompimento das gramáticas mecânicas, aquelas gramáticas que partem da própria gramática latina, ou seja, a aplicação de normas instituídas na língua latina aplicadas na língua portuguesa, divergindo da Gramática proposta aqui para o estudo, que leva em consideração a língua em suas várias instâncias, propondo um rompimento com as gramáticas de base da língua latina.

Nesse viés, cabe destacar que para Soares Barbosa (1871, p. v), conforme destaca na introdução da sua GPLP,

“A Grammatica (que quer dizer Litteratura) não foi ao principio outra coisa senão a sciencia dos caractéres, ou reaes, representativos das coisas, ou nominaes, significativos dos sons e das palavras. Toda a sciencia do homem lettrado ou grammatico, se reduzia n'aquel!es primeiros tempos a saber ler e formar, ou com o ponteiro, ou com a penna, estes caractéres.”

A partir do excerto acima, Soares Barbosa equaliza gramática e literatura como iguais, se perdendo no tempo e espaço, desde os primeiros estudiosos que passaram a trabalhar com os caracteres e desses caracteres formar palavras. Esse ponto se torna importante para compreender a Gramática Filosófica de Soares Barbosa em razão de o autor levantar, a partir do desenrolar dos estudos sobre a língua e sobre a produção escrita até a gramática de Fernão de Oliveira (1536). Esse movimento que destacamos está presente na parte introdutória da *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, em que o autor retoma as primeiras manifestações do homem em reproduzir suas ideias, e para isso, segundo Soares Barbosa (1871) destaca que o espírito humano está dividido em quatro pilares: a pintura, que buscava a partir das representações da natureza transmitir ideias; na sequência passaram a reduzir o modo de representar suas ideias

através dos hieróglifos, fazendo figuras que representavam suas ideias em um espaço menor de entalhe nas pedras, mas ainda continuavam ocupando um grande espaço para isso; depois passaram a utilizar símbolos para simplificar o modo de reproduzir as ideias, tudo em prol da necessidade de abreviar cada vez mais a representação, que agora não tinha mais a coisa natural como referência, mas sim o uso de símbolos que tornou mais prático a reprodução das ideias, como os símbolos chineses, que ainda demandava uma vida inteira para representar uma ideia; e por fim o alfabeto, aqui ocorre uma revolução tecnológica, pois há uma ruptura entre o uso de imagens e símbolos para representar a ideia através de caracteres representados pelo que chamamos de alfabeto.

Esses caracteres, ou o alfabeto, surge na Fenícia e é apropriado e adaptado pelos gregos para seu uso, fazendo com que as ideias passassem a ser reproduzida em um curto espaço de tempo, eis aí a tecnologia da língua escrita.

Sobre o alfabeto Soares Barbosa (1871, p. vii) destaca:

“O descobrimento d’este genero de escriptura era mui difficil; a execução porém era fácil. Para a excogitar era necessário um engenho superior que advertisse que os sons de uma lingua se podiam distinguir e decompor em certos elementos, comuns a todas as palavras d’ella. Porém, uma vez descoberto este segredo, a separação e enumeração dos sons não podia custar muito. Era mais fácil notar e contar todos os sons de uma língua que se fallava, do que achar que se podiam contar: isto era um lance do engenho, aquillo um simples effeito da attenção.”

Como podemos averiguar, a descoberta desse tipo de escrita era muito difícil, porém, a execução era fácil. Para conceber essa ideia, era necessário que houvesse uma percepção na qual fosse possível compreender que os sons de uma língua poderiam ser distinguíveis e decompostos em elementos comuns a todas as palavras dela. No entanto, uma vez desvendado esse segredo, a separação e enumeração dos sons não demandavam tanto esforço. Era mais simples observar e contar todos os sons de uma língua falada do que perceber que eles poderiam ser contados: um desafio para a mente perspicaz, enquanto o outro era apenas resultado de atenção concentrada.

Em síntese, de acordo com Soares Barbosa (1871), havia um processo de reconhecimento de caracteres que visava formar um discurso, embora nem sempre os caracteres correspondessem diretamente aos sons, mas se aproximavam disso.

Nesse sentido,

“O primeiro cuidado pois do inventor das letras, e do primeiro grammatico que abriu o caminho aos mais, caiu sobre aquillo só que os vocábulos tem de mechanico e material, quer sejam os sons articulados de que se compõe a falla, quer os signaes litteraes que escolheu para na escriptura exprimir e significar os mesmos sons. Aquillo que os mesmos sons articulados e os vocábulos tem de logico e espirital, como signaes que são das nossas idéas e pensamentos, foi a ultima coisa em que se cuidou. Os homens ao principio contentaram-se com pintar aos olhos, e fixar por meio dos caractéres escriptos, os sons fugitivos que a prolação de cada palavra lhes offerecia; sem entrarem ainda na analyse miúda do discurso, para descobrirem e determinarem ao justo as diíferentes

classes e especies de palavras que o compunham; nem na sua combinação e ordem para poderem achar as regras da Etymologia e da Syntaxe.” (Soares Barbosa, 1871, p. vii)

Vejam os como Soares Barbosa é específico em mencionar que os primeiros a vislumbrarem a escrita através dos caracteres não tinham outra visão se não a mecanização do uso dos caracteres, seja pelo som articulado ou pelos sinais das letras para escritura. A evolução da escrita, que anteriormente se baseava em pinturas, gravuras em pedras e símbolos para representar ideias e discursos, passou a utilizar caracteres para reproduzir essas ideias e discursos. No entanto, nessa fase inicial, ainda não havia o desenvolvimento de regras etimológicas, sintaxe e análise minuciosa, como as classes gramaticais e combinações de palavras.

Esse avanço tecnológico na língua apresenta uma relação entre som e representação da escrita, mas que, com o passar do tempo, as gramáticas começaram a surgir com maiores detalhes e preocupações. O início dessa reflexão que dará origem as gramáticas começa pelos gregos, com Platão ao indagar sobre a *“natureza da arte Grammatica”*.

Segundo Neves (2005, p. 65), Platão apresenta uma visão contrária a dos sofistas, uma dialética da linguagem no que concerne à ideia de verdade no discurso que, para os sofistas bastava convencer pelo discurso para ser verdade, enquanto que Platão defendia a ideia de que o discurso pode prover a ou não a verdade, ou seja, para os sofistas *“a linguagem só conduz a si mesma, enquanto que para Platão, a partir de “uma concepção filosófica””, “a linguagem conduz a alguma coisa que não ela mesma”, assim, “a palavra deixa de ser entendida como instrumento de persuasão para ser vista na sua função de palavra de verdade, que é uma condição da dialética”*.

Neves (2005, p. 65) acrescenta:

“Posta a verdade na relação entre a linguagem e as coisas, fica implicada uma dissociação que permitirá que seja colocada a linguagem como objeto de investigação. Pode-se dizer que Platão abre um novo caminho nas investigações sobre linguagem. Levando em conta posições anteriores, de que não restam senão fragmentos, ele apresenta pela primeira vez a linguagem como objeto de estudo, verdadeiramente.”

A partir do excerto acima, é possível perceber que a dissociação entre linguagem e coisa faz com que a língua passe a ser verdadeiramente o objeto de estudo.

“Especialmente no Crátilo e no Sofista, está a linguagem posta em questão. Em ambos os diálogos se examina a adequação do que se diz com a coisa dita, o que, por si, é um marco fundamental para as reflexões sobre a linguagem. No Teeteto e no Fédon, é mais indiretamente que transparece uma problemática linguística. No Teeteto, Platão está preocupado com a interpretação do que é dito. Assim, cada uma das definições de conhecimento que se sucedem no texto é comentada para que se verifique o que “quer dizer” aquilo que se disse. Procura-se um sentido por trás de tudo o que é dito, e assim se investigam as formulações de Protágoras e de Heráclito. No Fédon, Platão critica a misologia, porque, se falta o discurso, faltam também a ciência e a verdade (90d).” (Neves, 2005, p. 65)

Assim, tem-se um avanço nos estudos da linguagem, da língua, momento em que deixam de pensar no dito pelo dito, e passam a buscar compreender o que está por trás do que é dito. Não se pode ignorar outra informação que é mencionada por Soares Barbosa (1871, p. vii) que além de Platão, ele destaca o “*tractado de lettras e syllabas, que andava debaixo do nome de Ennio*”, o qual não foi encontrado maiores informações sobre. Desse modo, pode-se perceber que ao tomar a obra de Soares Barbosa como referência para parte das informações discorridas acima é possível perceber como o estudo da língua tem se tornado cada vez mais evidente e necessário.

Toda essa evolução rompe com as várias gramáticas que vão surgindo em várias partes da Europa, incluindo em Portugal, o país que se apropria da Terra de Vera Cruz, e posteriormente Brasil, cuja expansão da Língua Portuguesa não se resumiu apenas entre os colonizadores, mas também entre os escravos e índios nativos do “Novo Mundo”. Essa expansão se dá de diversas maneiras, dentre elas: o Uso da Língua Geral pelos jesuítas que passam a interferir no processo de ensino da língua na região, primeiro subvertendo a crença dos índios, depois ensinando a Língua Portuguesa para eles, com o intuito de romper com a cultura local. Mas isso não será explorado nesse momento.

A introdução da *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*, de Soares Barbosa, traz dois elementos importantes para a evolução não só da gramática, como também da linguagem, partindo da mecanização das línguas destacando em primeiro lugar os sons articulados e em segundo lugar os caracteres literais, conforme fragmento abaixo:

*“A parte mechanica das línguas, em que primeiro se trabalhou, tem duas observações. Uma sobre os sons articulados, tanto simples como compostos, que entram na composição de seus vocábulos; e outra sobre os caractéres litteraes, adoptados pelo uso para servirem de signaes dos mesmos sons, e seus depositários na escriptura. Destas duas considerações sobre o physico dos vocábulos nasceram as duas partes mais antigas da Grammatica. Uma da boa pronunciação e leitura, chamada **Orthoepia**, e outra da sua boa escriptura, chamada **Orthographia**.”* (Soares Barbosa, 1871, p. vii)

Assim, conforme avançamos na introdução da obra de Soares Barbosa, percebemos como o autor vai delineando seu estudo, sua *Grammatica Philosophica*. No excerto acima, apresenta a *Orthoepia* e a *Orthografia*, cada uma voltada a uma reflexão sobre a linguagem. Logo, para Soares Barbosa (1871, p. viii), a *orthoepis* trata-se da observação dos sons a partir da articulação dos sons fundamentais que advém das palavras, levando em consideração o corpo dos vocábulos e do canto, o qual a define a partir das acentuações ou do ritmo advindas da quantidade de sílabas da palavra, sendo conhecida como *Prosódia*, diferente de outros gramáticos, e aí aparece como uma crítica feita por Soares Barbosa (1871, p. viii) aos outros gramáticos, “*da qual o maior numero dos grammaticos fizeram uma das quatro partes da Grammatica, desdenhando ainda os primeiros princípios da boa pronunciação e leitura, ou incluindo-os na mesma Prosodia*”.

Sobre os sons articulados da língua, Soares Barbosa (1871, p. 2) destaca que para o bem pronunciar é preciso conhecer os sons articulados da fala, da própria língua, pois é isso que irá proporcionar a boa pronúncia, conforme descrito abaixo:

“Para bem pronunciar é preciso distinguir e conhecer os sons articulados, proprios da lingua que se falia. Estes sons articulados, ou são fundamentaes, assim chamados porque fazem a base da boa pronunção, como são as vozes e as consonâncias, os diphthongos, e as syllabas; ou accidentaes, assim chamados porque se ajuntam aos primeiros, e os modificam, já extendendo, mais ou menos, a sua duração, já augmentando ou diminuindo a sua elevação; e taes são as modilicações prosodicas, acrescentadas aos mesmos sons fundamentaes, ou pela quantidade ou pelo accento.”

A partir do excerto acima, depreendemos que Soares Barbosa classifica os sons articulados em duas categorias: fundamentais e acidentais. Os sons fundamentais são os sons vocálicos, as vozes; os sons consonantais, as consonâncias; os ditongos e as sílabas. Já os sons acidentais são as modificações prosódicas que se manifestam através do acréscimo aos sons fundamentais, considerando neste caso a quantidade de sílabas e acentos.

Nessa direção, a *Grannamatica Philosophica da Lingua Portuguesa* se apresenta como uma ferramenta que busca promover uma relação entre as partes que compõe a gramática, não no sentido analógico, mas lógico, pois para Soares Barbosa (1871, p. xiii) não basta tomarmos a gramática como uma prática meramente de estudos e memorização, é preciso compreender *“as razões das praticas do uso, e mostrar os princípios geraes de toda a linguagem nos do exercício das faculdades da alma, e formar assim uma lógica pratica, que ao mesmo tempo que ensina a falar bem a própria lingua, ensine a bem discorrer”*, pois é pela língua que o homem desenvolve sua faculdade analítica.

Como *“primeiro exemplo das regras da analyse, da combinação e do methodo, que as sciencias as mais exactas seguem nas suas operações”* (Soares Barbosa, 1871, p. xiii), ou seja, pela lógica a compreensão dos usos das normas gramaticais tende a promover o bem falar e o bem escrever. Quanto às normas passaremos a explicar sobre elas agora, dentro do que a *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa* (GPLP), de Soares Barbosa, propõe.

3. A Construção Filosófica A Partir Do Olhar Gramatical Nos Livros Que Compõem A Grammatica Philosophica De Soares Barbosa

A obra de Soares Barbosa encontra-se dividida em quatro Livros, nos quais são apresentados um conjunto detalhado sobre a estrutura da língua e suas acepções a partir da fala e da escrita, assim organizados:

*“[...] a **Orthoepia**, que ensina a distinguir e a conhecer os sons articulados, proprios da lingua, para bem os pronunciar;*

*A **Orthographia**, que ensina os signaes litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar;*

*A **Etymologia**, que ensina as especies de palavras que entram na composição de qualquer oração, e a analogia de suas variações e propriedades geraes;*

*E a **Syntaxe**, finalmente, que ensina a coordenar estas palavras, e a dispol-as no discurso de modo que façam um sentido ao mesmo tempo distincto e ligado; [...].”* (Soares Barbosa, 1871, p. 1)

Nessa perspectiva, será apresentada nesta seção uma breve explicação sobre o que cada um dos Livros propõem, não de modo aprofundado, mas de forma a entender, através das introduções de cada livro, como a Grammatica Philosophica de Soares Barbosa se manifesta no estudo da língua a partir das estruturas musicais e estruturais na escrita. Isso o coloca em uma posição de relevância e destaque para os estudos da língua, pois é através da distinção entre oralidade e escrita que o autor resolverá muitas das falhas evidenciadas nas gramáticas tradicionais (Coelho, 2013).

Cagliari (1985, p. 94) destaca que:

“A GPLP resolveu todos esses problemas assumindo que a realidade escrita da língua é uma e a realidade oral é outra, e que valia mais a pena descrever a língua pela realidade oral, não escrita, fazendo o contrário do que faz a gramática tradicional. Mas a escrita também faz parte dos usos da linguagem, e portanto, também precisa de um tratado próprio. Foi essa atitude que levou JSB [Jeronymo Soares Barbosa], por exemplo, a fazer não só um uso “ortográfico comum” do abecedário da língua portuguesa, como também a fazer um uso do mesmo como um alfabeto de transcrição fonética.”

Desse modo, percebe-se que o ponto chave para todo o estudo feito por Soares Barbosa em relação a GPLP se deu a partir da distinção entre a escrita da língua e realidade oral, ou seja, vogais e vozes.

O **primeiro Livro**, a **orthoepia**, propõe compreender a língua através da articulação dos sons, e para isso Soares Barbosa apresenta-o dividido em oito capítulos, em que cada capítulo propõe um aprofundamento específico e complementar uns com os outros, apresentando um estudo bastante amplo sobre os sons da língua portuguesa do início do séc. XIX, descrevendo e definindo *“tanto sob a perspectiva de suas características articulatórias quanto acústicas.”* (Oliveira, 2017, p. 271), conforme discorre nos capítulos do primeiro Livro.

“[...] o autor apresenta um estudo bastante amplo e detalhado dos sons da língua portuguesa, que são descritos e definidos tanto sob a perspectiva de suas características articulatórias quanto acústicas.

“[...] São considerados sons fundamentais, os sons vocálicos (vazes), os sons consonantais (consonancias), os ditongos e as sílabas, e sons acidentais, as modificações prosódicas que se acrescentam aos sons fundamentais, como a quantidade e os acentos.” (Oliveira, 2017, p. 274)

Assim, a partir do exposto acima, O Livro I procura destrinchar os aspectos sonoros desde a glotte até o movimento labial, leva em consideração os aparatos biológicos e físicos do ser humano na hora de reproduzir o som, articular o som que servirá de base para a elaboração escrita das palavras, dos léxicos, como descrito no segundo Livro.

A partir da articulação sonora para a reprodução lexical das palavras, o **segundo livro** propõe um detalhamento sobre a boa escrita, do escrever certo, da **orthografia**, a partir dos sons emitidos.

Assim, a Orthografia visa:

“[...] representar exactamente aos olhos por meio de caracteres litteraes do alphabeto nacional, os sons nem mais nem menos de qualquer vocábulo, e na mesma ordem com que se pronunciam ao uso vivo da Lingua, ou bem assim os que o mesmo vocábulo em outro tempo teve nas linguas mortas d’onde o houvemos.” (Soares Barbosa, 1871, p. 40)

Percebe-se que a partir do excerto acima, a ortografia está não apenas vinculada à escrita, mas a própria pronúncia do que irá escrever, ou do escrito. Soares Barbosa (1871) destaca que a ortografia não se preocupa apenas com a língua portuguesa de uso no presente, mas também línguas vivas de outro tempo.

A esse respeito, o autor destaca que:

*“A primeira **orthographia** chama-se da **pronuniação**, porque não emprega caractéres alguns ociosos e sem valor, mas tão somente os que correspondem aos sons vivos da Lingua [a língua usual]. A segunda chama-se **etymologia** ou de **derivação**, porque admite letras que presentemente não tem outro prestimo senão para mostrar a origem das palavras [a língua que não está mais em uso, ou inserir escrita de forma arbitrária à pronúncia].”* (Soares Barbosa, 1871, p. 40)

Diante do excerto acima, Soares Barbosa busca ser claro quanto ao uso da *orthographia*, promovendo uma reflexão que evidencie a escrita não como um instrumento nela mesma, mas como um instrumento que regule a escrita a partir de dois momentos: o da língua corrente e o da língua em desuso, ou cuja escrita se difere da pronúncia.

Portanto,

*“Toda **orthographia** tem duas partes. A primeira é a união bem ordenada das letras de qualquer vocábulo correspondente aos sons, e a sua ordem na boa pronuniação do mesmo. A segunda é a separação dos mesmos vocábulos e orações na escriptura continuada, segundo a distincção e subordinação das idéas e sentidos que exprimem. Aquella é objecto da **orthographia** tomada em um sentido mais restricto, e esta é objecto da pontuação.”* (Soares Barbosa, 1871, p. 41)

No decorrer do Capítulo II, Soares Barbosa discorre sobre a temática em quatro capítulos, a fim de alinhar o bem escrever em consonância com o bem falar.

No primeiro capítulo, destaca as regras comuns a todas as ortografias, propondo nesse momento uma padronização da escrita, mas que deve estar associado à orthoepia, já que a ortografia se dá a partir da fala. Neste capítulo, o autor apresenta 12 regras referentes à estrutura da palavra, levando em consideração as letras e as sílabas.

No segundo capítulo, o autor trata das *Regras próprias da orthographia etymologica e usual*, em sua regra única e geral destaca que toda palavra portuguesa que deriva da língua grega ou latina deve manter a estrutura dos caracteres, desde que seja possível ser representado pelo alfabeto português (Soares Barbosa, 1871).

Para o terceiro capítulo, Soares Barbosa faz a junção da Orthoepia e da Orthographia, para então trabalhar com as partes da oração portuguesa, mais precisamente sobre as *Regras Próprias da Orthographia da Pronunção*, onde Soares Barbosa (1871, p. 54) destaca que:

“Qualquer palavra que se queira escrever, pronuncie-se primeiro bem, e distinguidos todos os sons de que é composta, estes se escrevam, pela mesma ordem, com os caracteres que lhes competem nos abecedarios completos e exactos que ficam lançados nos capítulos I e II da Orthoepia, e no capítulo I, regra I da Orthographia, e a palavra assim escripta ficará sem erro de orthographia.”

Soares Barbosa desenvolve seus livros a partir de um conjunto correlacionado de informações que vão se amalgamando ao longo da escrita, conforme apresenta o excerto acima, em que o autor destaca que para se escrever corretamente é preciso antes de tudo pronunciar muito bem, fazendo as distinções de todos os sons que são pronunciados, para então reproduzi-los conforme os caracteres vão se manifestando, conforme explorado nos Livros I e II e seus capítulos específicos conforme apresentamos no excerto, e presente na *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*.

Assim como os dois livros anteriores, este terceiro livro Soares Barbosa (1871) condiciona, a partir de sua reflexão filosófica baseada pela lógica, de que a regra mencionada não possui exceção, necessitando apenas demonstrar a aplicação em todos os sons da nossa língua, conforme já demonstrado no livro I, sejam elas simples, vozes e consonâncias, quer sejam compostos como ditongos e sílabas. O autor desenvolve suas análises a partir de uma sequência de sessões, a qual chama de §§ (parágrafos) onde demonstra pela prática *“a mesma orthographia da pronunção que nos mesmos se ensina”* (Soares Barbosa, 1871, p. 54), em que cada parágrafo apresenta como aplicar a regra geral a partir da orthoepia e orthographia.

Para o quarto capítulo, Soares Barbosa propõe apresentar as regras de uso geral e particular referente ao uso das pontuações, isso porque:

“A pontuação é a arte de na escriptura distinguir com certas notas as diferentes partes, e membros da oração, e a subordinação de uns aos outros a fim de mostrar a quem lê as pausas menores e maiores, que deve fazer, e o tom e inflexão da voz, com que as deve pronunciar.” (Soares Barbosa, 1871, p. 59)

Neste capítulo, o autor passa a olhar não mais os vocábulos, mas também a própria escrita, levando em consideração as partes da oração, ou seja, averiguar as pontuações como mecanismos que promovem diferentes tipos de pausas, assim como o tom de inflexão da voz, quanto a forma de pronunciar. Evidente que esse uso da pontuação para Soares Barbosa (1871) está condicionada a um mínimo de compreensão sobre a etimologia e a sintaxe da oração, as quais veremos a partir de agora.

No terceiro Livro, Soares Barbosa (1871, p. 68) vai tratar sobre a *Etymologia ou partes da oração portuguesa*. Neste livro, o autor propõe sair da parte mecânica dos dois primeiros livros, conforme descrito abaixo:

“Nos dois livros antecedentes, da Orthoepia e da Orthographia, tratámos da parte mechanica da Lingua Portugueza, considerando n’ella as partes da oração só pelo que tem de physico e material, como meros vocábulos compostos de sons articulados, ou só pronunciados para serem ouvidos, ou também representados aos olhos para serem vistos, mas sem respeito algum ao que significam.”

Como poder ser visto no excerto acima, o autor propõe que a partir do terceiro e quarto livro vai ampliar o aprofundamento de sua *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, tratando a partir de agora da parte lógica da língua. Para isso, Soares Barbosa (1871, p. 68) destaca na introdução do terceiro livro que:

*“N’estes dois livros que se seguem trataremos da parte lógica da mesma Lingua, considerando as mesmas partes da oração pelo que tem de metaphysico e espiritual, não como **vocábulos**, mas como palavras, isto é, como signaes de nossas idéas e de nossos pensamentos, ou considerados separadamente para exprimirem aquellas, o que é objecto da Etymologia, ou juntas em oração para formarem estes, o que é objecto da Syntaxe e Construcção.”*

A partir do exposto, compreende-se que no terceiro e quarto livro passar-se-á a analisar o vocabulário pelo conjunto e ordem de apresentação dentro da oração, e não mais de forma isolada, não apenas uma análise, mas sim um estudo etimológico do vocabulário a partir da posição em que se encontra.

Deste modo, o terceiro livro visa promover uma reflexão a partir da verdadeira natureza que cada palavra assume dentro da oração e de seus diferentes usos no discurso, buscando descobrir por analogia ou diversidade de suas funções comuns a partir dos caracteres dentro de sua classe primitiva ou subalterna a que todos os elementos do discurso se devem reduzir.

Se a proposta do referido livro está em desvendar a natureza das palavras, vai depender de como se apresentam dentro da oração, a partir de sua função e representação etimologicamente falando, considerando que os elementos da oração são sinais de ideia, não podendo ser nem mais e nem menos, seja em número ou outra espécie que não seja elementos que partem do pensamento.

Destaca-se que, segundo Soares Barbosa (1871, p. 68):

“As idéas de qualquer pensamento são simultâneas no espirito, que mal as poderia comparar sem as ter presentes ao mesmo tempo, bem como os olhos que, para fazerem idéa de uma perspectiva, devem abranger com a vista todas suas partes, e perceber ao mesmo tempo todas as suas relações mutuas para d’ellas poderem formar a idéa de um todo.”

Ou seja, é preciso considerar a posição da palavra dentro das ideias e do discurso para então promover uma reflexão sobre a verdade da forma etimológica da palavra dentro da oração, do discurso. Mas, um ponto que se destaca na parte introdutória do terceiro livro é a que trata a língua como um sistema baseado na lógica de ideias, conforme descrito abaixo:

“D’estes princípios certos se segue, que o systema etymologico de qualquer Lingua está necessariamente fundado sobre o systema logico das idéas, o qual é o mesmo, fundamental, em todos os homens de qualquer idade e paiz que sejam. Ainda que os seus conhecimentos sejam diferentes em numero, qualidade e perfeição, todos comtudo pensam pelo mesmo modo, porque não podem pensar sem ter idéas e sem as combinar.” (Soares Barbosa, 1871, p. 69)

Conforme apresentado acima, Soares Barbosa (1871, p. 69) propõe que a gramática, partindo de um Sistema etimológico, precisa ser geral a todas as línguas, isso porque, segundo o próprio autor, *“a diferença está toda no material dos vocábulos, e não na significação das palavras, a qual é a mesma em todas as Linguas”*, desse modo percebe-se que, mesmo que a Grammatica Philosophica seja do início do século XIX, esse pensamento condiz com a lógica da Gramática Gerativa que foi pensada para olhar a estrutura, conforme destaca Araújo-Adriano e Corôa (2020, online), por meio de *“uma abordagem formal do estudo das estruturas das frases, baseada em símbolos e regras”*.

Soares Barbosa (1871, p. 69) fecha a apresentação do terceiro livro destacando que *“sobre estes princípios da Grammatica Geral passamos a estabelecer o systema etymologico das partes da oração portugueza, distribuindo-as primeiro nas suas classes mais geraes, e depois nas suas especies principaes [...]”*. Desse modo, o terceiro livro da *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* entra nas classes mais gerais de palavras, onde se estabelecem as relações estruturais da oração e, conseqüentemente, de suas principais espécies.

No quarto e último livro da obra *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, Soares Barbosa (1871, p. 254) desenvolve a temática *Da Syntaxe e Construção*, a fim de fechar seus escritos gramaticais tratando da coordenação das orações, *“ordenando-as segundo as relações, ou de conveniência ou de determinação em que suas idéas estão umas para as outras”*. Mas é preciso fazer uma ressalva que o próprio autor destaca acerca das representações dos termos Syntaxe e Construção.

“Os grammaticos, traduzindo com mais liberdade, a palavra grega syntaxis, lhe dão o nome de construcção. Mas esta palavra tem mais extensão que a de syntaxe. A syntaxe é uma ordem systematica das palavras, fundada nas relações das coisas que ellas significam, e a construcção uma ordem local auctorisada pelo uso nas linguas. Assim, a construcção pôde ser ou direita ou invertida, e ter comtudo a mesma syntaxe. N’estas duas orações: Alexandre venceu a Dano, e a Dario venceu Alexandre, as construcções são contrarias, porém a syntaxe é a mesma.” (Soares Barbosa, 1871, p. 254)

Seguindo esse viés, é possível evidenciar que a divergência de sentidos entre os termos Sintaxe e Construção são relevantes para a compreensão da formação, organização das orações a fim de promover uma ordem lógica dos termos. Outro ponto mencionado por Soares Barbosa está na própria constituição frasal do exemplo adotado por ele para demonstrar a diferença entre os termos em questão, que mesmo invertendo o sentido da oração, a estrutura sintática é a mesma.

Resumidamente, destacamos que nosso objetivo nestes escritos iniciais não era a de promover um estudo aprofundado das partes que corresponde a obra de Soares Barbosa, mas sim de propor uma breve explanação sobre a obra para vislumbrarmos que a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* apresenta uma visão voltada não apenas a estrutura da língua, mas também a oralidade. Destacamos, ainda, nossa reflexão inicial sobre a obra de Soares Barbosa apresenta-se como um prólogo à Gramática Gerativa, como mencionado rapidamente no terceiro livro da referida obra, apresentado acima. E por se tratar de uma aparente aproximação, passaremos a investigar, rapidamente, sobre as características da Gramática Gerativa para, então, averiguar se há uma relação mais próxima de parentesco entre a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, de Soares Barbosa, com a Gramática Gerativa.

4. Uma Reflexão Sobre A Gramática Gerativa: Uma Olhar Para A Estrutura Universal Das Línguas

Hoje falar da Gramática Gerativa a partir de um olhar generalista e superficial é o mesmo que fechar os olhos para o que realmente interessa nessa compreensão do Gerativismo enquanto instrumento gramatical. Isso porque ao se pensar em gramática é preciso pensar nas manifestações que esta propõe para o uso da língua e de sua reprodução e organização das sentenças.

Nesse sentido, temos as gramáticas analógicas, aquelas que partem de uma visão restrita, focada na concepção de uma gramática latina, conforme adotada pelos jesuítas. E as gramáticas que buscam romper com esse pensamento arcaico da gramática analógica para uma gramática mais dinâmica. Essa gramática dinâmica não no sentido do mero movimento, mas em um sentido de amalgamento por meio da lógica aplicada às línguas, tanto no campo oral quanto escrito. No campo oral, em virtude da ordem das sentenças, que oscilam de uma língua para outra. No campo da escrita no que corresponde ao uso de uma estrutura da sentença, não pelo padrão de uma língua, mas pelo uso dos vocábulos a partir das posições que são empregadas, mas mantendo sua natureza real de uso.

A *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, de Soares Barbosa parte desse princípio básico, assim como a Gramática Gerativa propõe uma Gramática Universal baseada na lógica que contemple a estrutura das línguas existentes. E a esse respeito tentaremos demonstrar um pouco dessa Gramática Gerativa com o intuito de descortinar suas características, para então vislumbrar como essa gramática se manifesta na representação das línguas e de sua relevância para os estudos gramaticais e linguísticos.

De acordo com Boeckx e Hornstein (2007, p. 61 *apud* Moura *et al.*, 2010) destacam que o empreendimento gerativista está dividido em três partes: I- combinatória, que se conecta a engenharia a partir de um certo nível de relação; II- a cognitiva, relação com a biologia; e, III- minimalista, com a física. Vejam que a Gramática Gerativa não se resume a uma única vertente teórica, ela evolui assim como as demais teorias que surgem em todos os campos do conhecimento, nesse caso da linguagem/língua.

Quanto à primeira parte, que corresponde ao empreendimento gerativista, na combinatória, Araújo-Adriano e Corôa (2020, online) destaca que o início da Teoria Gerativa

surge a partir do rompimento da abordagem estruturalista, distribucionista e comportamentalista, com a publicação do livro *Estruturas Sintáticas*, publicada em 1957, na qual

“[...] defende a ideia de uma abordagem formal do estudo das estruturas das frases, baseada em símbolos e regras. As regras dividem as sentenças em partes menores, portanto, ao combinar essas partes através de regras chamadas “transformações”, é possível “gerar” todas e apenas as sentenças gramaticais (válidas) de uma dada língua, que são ilimitadas em número, daí o nome Gramática Gerativo-Transformacional [(GGT)], como a abordagem ficou conhecida na época.”

A obra inaugural referente à Teoria Gerativa, ou se preferirem da Gramática Gerativa, de Chomsky, propõe um processo combinatório cuja função está em dividir as sentenças em partes menores e as recombinar a partir de regras de transformação, ou de reelaboração de sentenças. Essa prática propõe que é possível, a partir de unidades linguísticas, estabelecer parâmetros para a elaboração de gramáticas a partir de:

“Um nível linguístico – como a fonologia, a morfologia ou a estrutura frasal – é essencialmente um conjunto de recursos descritivos que estão disponíveis para a construção de gramáticas; um nível linguístico fornece um certo método para a representação de enunciados.” (Chomsky, 2018, p. 27)

Com isso, percebe-se que a proposta combinatória de níveis linguísticos vai ao encontro de uma Gramática Universal, pois é a partir de um conjunto limitado de peças que as combinações excedem o limite promovendo uma infinitude de arranjos e rearranjos sintáticos na formação de sentenças, conforme destaca Araújo-Adriano e Corôa (2020, online):

“Uma das mais importantes características atribuídas a essa gramática universal é a capacidade de, com um conjunto limitado de peças (ex. palavras, regras de estrutura, etc.), formar infinitas combinações diferentes, ou seja, a infinitude discreta é uma das propriedades essenciais da linguagem humana.”

Assim, evidencia-se que a combinação proposta inicialmente por Chomsky se dirige em busca de uma Teoria Gerativa que possa abarcar uma unidade estrutural para compreender o funcionamento das diversas línguas existentes, devido à infinitude de combinações de peças. Partindo dessa ideia de infinitas combinações e de uma gramática pautada na finitude, Wason (2017, p. 296, tradução nossa) levanta o seguinte questionamento: *“como podemos dar uma descrição finita de algo infinito?”* e o próprio autor responde dizendo que é preciso pensar na gramática como dispositivo que junta pedaços para criar novas sentenças/frases através de regras precisas e estabelecidas, desse modo, *“Se algumas das regras gramaticais se puderem aplicar aos seus próprios resultados (em jargão técnico, se algumas regras são “recursivas”), então é possível que as gramáticas finitas gerem línguas infinitas”.*

O referido o autor exemplifica essa teoria da seguinte maneira:

“O sistema de numeração árabe comum utilizado para representar números tem infinitas muitas expressões bem formadas (uma para cada número) construídas a partir de dez símbolos, a saber, os dígitos “0” a “9”. Podemos escrever uma gramática simples para os números que indicam números inteiros positivos com as seguintes regras:

- Cada um dos algarismos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, e 9 é um numeral.
- Se N é qualquer algarismo, então N0 é um algarismo.
- Se N é qualquer algarismo, então NN é um algarismo.

Uma das muitas formalizações possíveis disto seria a seguinte:

$N \rightarrow 1 \quad N \rightarrow 5 \quad N \rightarrow 9$

$N \rightarrow 2 \quad N \rightarrow 6 \quad N \rightarrow N0$

$N \rightarrow 3 \quad N \rightarrow 7 \quad N \rightarrow NN \quad N \rightarrow NN$

$N \rightarrow 4 \quad N \rightarrow 8$

Aqui N é a categoria dos numerais bem formados, e a seta pode ser interpretada para significar “pode consistir em”. Esta pequena gramática gera o infinito “linguagem” de numerais que denotam números inteiros positivos, porque contém regras que são recorrentes (nomeadamente, os dois últimos).” (Wason, 2017, p. 296, tradução nossa)

Com o exemplo acima, podemos perceber que a combinação se manifesta através de um conjunto de paradigmas numéricos que ao serem combinados darão origem a novos números, e é nessa perspectiva que se deve pensar na gramática gerativa, a partir da regra de combinação proposta por Chomsky.

Na sequência, chegamos na segunda fase da Gramática Gerativa: a fase cognitiva. Neste momento, o que está em pauta é a relação do pensamento enquanto sistema de conhecimento inato.

“Para Chomsky, a capacidade humana de falar e entender uma língua (pelo menos), isto é, o comportamento lingüístico dos indivíduos, deve ser compreendido como o resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética e, portanto, interna ao organismo humano (e não completamente determinada pelo mundo exterior, como diziam os behavioristas), a qual deve estar fincada na biologia do cérebro/mente da espécie e é destinada a constituir a competência lingüística de um falante. Essa disposição inata para a competência lingüística é o que ficou conhecido como Faculdade da Linguagem.” (Kenedy, 2008, p. 129)

A segunda fase da Gramática Gerativa parte do princípio de que a língua é um produto internalizado, e que, neste caso, o indivíduo é dotado de “‘Competência’, representando um modelo de conhecimento de língua internalizado, e ‘Desempenho’, designando o uso concreto que um falante faz de sua língua em uma situação real de comunicação”. (Elinc, 2021, online)

“Uma das razões para estudar a linguagem (exatamente a razão gerativista) – é para mim, pessoalmente, a mais premente delas – é a possibilidade instigante de ver a linguagem como um “espelho do espírito”, como diz a expressão tradicional. Com isto não quero apenas dizer que os conceitos expressados e as distinções desenvolvidas no uso normal da linguagem nos revelam os modelos do pensamento e o universo do “senso comum” construídos pela mente humana. Mais instigante ainda, pelo menos para mim, é a possibilidade de descobrir, através do estudo da linguagem, princípios abstratos que governam sua estrutura e uso, princípios que são universais por necessidade biológica e não por simples acidente histórico, e que decorrem de características mentais da espécie humana.” (Chomsky, 1980, p. 9)

Ao compreendermos que a mente humana possui a capacidade inata de construir, a partir de pedaços de frases, modelos de pensamentos que eclodem em formato de sentenças por meio de uma estrutura inata, a partir dos códigos estruturais de uma determinada língua ou de determinadas línguas, demonstra a pré-disposição biológica do ser humano para a linguagem. Nechi Verceze (2009), tomando a obra *“Reflexões sobre a Linguagem”*, de Chomsky, destaca que a linguagem deve ser compreendida em uma visão muito mais ampla, profunda e significativa do que uma lista de elaboração a partir de um corpo finito. Chomsky (1980, p. 10) destaca que a linguagem *“é um produto da inteligência humana, uma criação renovada em cada indivíduo através de operações que ultrapassam o alcance da vontade ou da consciência”*. Logo, podemos dizer que a linguagem, a partir de Chomsky, é um reflexo biológico da necessidade humana.

Se a linguagem parte de uma necessidade humana inata, podemos dizer que Chomsky propõe uma Gramática Universal a partir de suas reflexões da Gramática Gerativa.

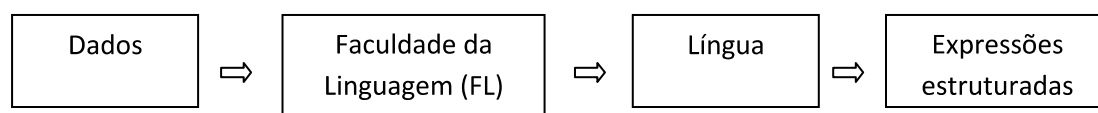
Nesse sentido, segundo Ferreira (2013, p. 173), a teoria da Gramática Gerativa propõe que

“[...] todos os indivíduos apresentam um componente biológico denominado Gramática Universal (GU), que corresponde ao estágio inicial da Faculdade da Linguagem (FL), ou seja, o estado da mente/cérebro anterior a qualquer experiência. Concebendo a GU como um componente comum a todos os indivíduos, já que faz parte do patrimônio genético humano, os gerativistas propõem que as línguas possuem princípios comuns, inatos e invariáveis, e o que estabelece a diferença entre elas são as formas de realização dos princípios, o que se dá através de parâmetros, ou seja, os princípios são os mesmos em todas as línguas, mas as realizações morfológicas podem ser diferentes.”

Seguindo os postulados de Ferreira, é possível observar a perspectiva cognitiva no âmbito gerativista, que destaca a presença inata de uma estrutura de regras universais que se adapta e se ajusta a cada falante e a cada língua. Isso reflete a ideia de que essa estrutura possui uma natureza flexível e está pronta para se moldar de acordo com as características individuais dos falantes e as particularidades de cada língua. A partir dessa concepção, resgatamos aqui a fala de Chomsky (1988, p. 20, tradução nossa) durante as Conferências em Managua quando menciona:

“Ontem eu lidei com algumas das questões básicas da ciência da linguagem. Podemos afirmar o problema central desta investigação nos seguintes termos: A mente/cérebro humano é um sistema complexo com vários componentes em ação recíproca, um dos quais podemos chamar de faculdade de linguagem”. Este sistema parece ser único para a espécie humana, essencialmente comum a todos os membros da espécie humana. Uma vez fornecidos os dados, a faculdade de linguagem determina um determinado idioma: espanhol, inglês, etc. Esta linguagem, por sua vez, determina um amplo espectro de fenômenos potenciais além dos dados recebidos.”

Conforme mencionado anteriormente, é importante ressaltar que, além da existência de uma Gramática Universal (GU), cada indivíduo possui uma Gramática particular (GP) que é resultado da Faculdade de Linguagem (FL) humana. Essa faculdade atua de forma individual, proporcionando ao falante diversas possibilidades, como ilustrado no esquema a seguir.



(Chomsky, 1988, p. 21)

Ao analisar essa relação esquematizada, é possível observar que *“uma vez que a Faculdade de Linguagem (FL) tenha acesso aos dados, ela é capaz de gerar uma língua específica. Essa língua apresentará complexidades e informações muito além dos dados recebidos para sua formação”* (Ferreira, 2013, p. 173). Em outras palavras, é a partir de um núcleo inato que a FL atua na criação de uma língua complexa e bem estruturada, mesmo a partir de dados iniciais e rudimentares, conforme exemplificado por Chomsky (1988, p. 21, tradução nossa), no qual

“[...] uma criança dotada da faculdade da linguagem humana como parte da sua herança inata é colocada num ambiente social onde o espanhol é falado. A faculdade de línguas selecciona dados relevantes dos eventos que ocorrem no ambiente, e fazendo uso destes de uma forma determinada pela estrutura interna dessa faculdade constrói uma língua, o espanhol, ou, mais adequadamente, a variedade de espanhol a que está exposta. Esta língua é incorporado na mente: quando o processo estiver concluído, a língua constitui o estado de maturidade alcançado pelo estado de maturidade alcançado pela faculdade de línguas. A pessoa então fala e compreende esta língua.”

Diante do exposto, compreendemos que a herança inata corresponde a uma GU, aquela que faz com que a Faculdade de Linguagem funcione como se fosse um processador que coleta dados e a partir desses dados apresenta um resultado, uma língua particular, e é nesse elemento que encontramos a GP, que corresponde as características pertencentes a cada língua. Assim, os dados são os elementos de uma dada língua, elementos entende-se como fragmento que alinham às características pertencentes a Gramática Universal, e a forma como estes dados são organizados em uma dada língua fazem parte da Gramática Particular.

Portanto, o que torna a Gramática Gerativa uma Gramática Universal, é o fato de que as regras por ela estabelecida caminha em direção a uma generalização de estrutura que passa a

moldar as palavras dentro de uma determinada ordem a partir do espaço em que se encontra e dos estímulos que recebe nesse determinado espaço social. Essa postura leva a Gramática Gerativa a um novo patamar. Esse novo modelo corresponde ao modelo minimalista, que corresponde a terceira fase da evolução da Gramática Gerativa.

O modelo minimalista está vinculado ao Modelo Princípios e Parâmetros (P&P). Esse tem como princípio dois modelos teóricos que se dialogam: o modelo teórico conhecido como Regência e Ligação (Government and Binding/GB – Governo e Vinculação) e o chamado Programa Minimalista, mencionado acima.

Sobre essa relação dos modelos teóricos a partir do Modelo Princípios e Parâmetros, Chomsky estabelece uma hipótese, conforme demonstra Moura *et al.* (2010, p. 126-127)

“A teoria de P&P formula essa ideia em termos da hipótese de que a faculdade de linguagem compreende um estado mental inicial (S_0), designado Gramática Universal (GU). A GU compreende um conjunto de princípios universais, invariantes, a que se associam um arranjo finito de opções – os parâmetros –, cujos valores são especificados no processo de aquisição da língua, com base no input linguístico recebido (Chomsky, 1981). Nesse sentido, a gramática particular corresponde ao estado mental final (S_n), resultante da interação entre o estado inicial e a experiência, que dá acesso aos dados de entrada (input linguístico), dos quais são extraídas as propriedades específicas da gramática da língua particular adquirida.”

De acordo com o apresentado, consideremos a seguinte fórmula:

“ S_0 + princípios universais de um arranjo finito (parâmetros) + input linguístico = S_n + propriedades específicas da gramática da língua em particular.”

A partir da fórmula apresentada, podemos dizer, portanto, que a proposta está em apresentar a Faculdade de Linguagem como princípio norteador para a aquisição de dados, os quais serão processados a partir de princípios finitos de arranjos para então estabelecer as propriedades específicas de uma língua em particular (S_n).

$$S_0 + GU = S_n$$

Diante da lógica estabelecida, é importante estar atento ao fato de que o programa minimalista visa minimizar, simplificar todo o processo já apresentado.

Moura *et al.* (2010, p. 127) destacam:

“Ao propor repensar o modelo Government and Binding (GB) [Governo e Vinculação] em termos minimalistas, o autor destaca pontos que vêm sustentar a revisão do modelo teórico tendo em vista a hipótese de que requisitos de simplicidade e parcimônia adotados na sustentação das teses gerativistas poderiam ser estendidos à própria natureza do objeto – no caso à língua, o que se traduz na pergunta: Quão perfeita é a língua?”

O fragmento acima demonstra que o movimento promovido pelo modelo minimalista propõe um enxugamento, uma economia no que diz respeito aos parâmetros teóricos das teses que devem ser estendidas “à própria natureza do objeto”, à língua, Araújo-Adriano e Corôa (2020, online) destacam:

“Esse novo modelo também amplia o conceito de gramática universal (GU). Agora é possível dizer que há, nas línguas, princípios estruturais que são inatos e fixos e que as diferenças entre as várias línguas do mundo se caracterizam pelos parâmetros (diferenças) utilizados por um grupo de falantes. Um exemplo bem simples de entender é que em qualquer língua do mundo existe sujeito, verbo e objeto, o que podemos chamar de Princípio. Por outro lado, a forma como esses elementos aparecem em uma frase é diferente entre as línguas, o que podemos chamar de Parâmetro. [Línguas SOV \(ex. Japonês\) são as mais frequentes](#), seguidas de línguas SVO como o Português e o Inglês. As línguas mais raras são as OSV.”

A partir do excerto, podemos compreender que o simples é mais, ou seja, Chomsky, com a teoria minimalista, busca simplificar a teoria a partir da Navalha de Occam, conhecida como o princípio da Economia. Partindo dessa teoria, Chomsky destaca que dentre as várias teses adotadas sobre a Gramática Gerativa, ou Gerativismo, é preciso sistematizar e optar pela mais simples, que neste caso quanto mais simples for a explicação, melhor será a compreensão da teoria e, possivelmente, a mais correta. E isso fica evidenciado no fragmento, pois o exemplo é utilizado a partir do sujeito, que segundo Araújo-Adriano e Corôa (2020) qualquer língua possui um sujeito, um verbo e um objeto, que podem ser chamados de princípios. A ordem em que esses princípios são dispostos, o autor chama de parâmetros.

“Chomsky tornou o problema lógico da aquisição da linguagem o explanandum central da empreitada gerativa: definiu o critério maior para o qual uma teoria gerativa da linguagem deveria dar resposta, o da adequação explicativa. Essa ênfase na aquisição resultou, com o passar do tempo, na teoria dos princípios (universais, inatos) e parâmetros (limitado ao léxico funcional).” (Carvalho; Souza, 2018, p. 11)

Assim, é preciso tomarmos como princípio de que a língua é fruto de um processo binário da Linguagem Humana com o Léxico, e este é formado por itens lexicais, os quais se organizam em três traços abstratos: “traços fonológicos, semânticos e formais”. (Moura et al., 2010). Segundo Moura et al. (2010, p. 127) “[...] os itens lexicais projetam-se como núcleos sintáticos, de acordo com uma teoria da projeção sintagmática, e formam objetos sintéticos mediante a operação (binária) concatenar de C_{HL} ”.

Desse modo, a partir do que propõe a hipótese minimalista:

“[...] é a de que as especificidades da linguagem humana são determinadas pelas condições impostas pelos sistemas cognitivos da mente/do cérebro que fazem interface com a faculdade de linguagem, na interpretação das propriedades dessas representações, a saber as interfaces articulatório-perceptual (A-P) e conceitual-intencional (C-I).” (Moura et al., 2010, p. 127)

Por conseguinte, a Gramática Gerativa propõe, a partir de uma perspectiva simples e não simplista, a existência de uma Gramática Universal que contém um conjunto de regras finitas. Essas regras estabelecem princípios universais que abrangem elementos como sujeitos, verbos, objetos e outros, que possibilitam a estruturação de uma determinada língua. Essa estrutura linguística é então manifestada pela Gramática Particular da língua em questão, seja ela o português, inglês, árabe, chinês ou qualquer outra língua.

Nesse contexto, a Gramática Gerativa parte do princípio do inato, uma gramática inata de processamento, para analisar os fragmentos de sentenças que individualmente não possuem significado, mas que, ao serem organizados e adquirirem forma através da oralidade, da linguagem e do discurso, passam a ser representados na língua. A Gramática Gerativa propõe a forma linguística, independentemente da língua específica, uma vez que a estrutura, embora finita, pode se organizar de maneira infinita na linguagem.

5. Grammatica Philosophica Da Lingua Portugueza Como Protogramática Geral Portuguesa

Apesar de ter se desenvolvido ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, a ideia de uma Gramática Geral continua atraente. Não devemos nos enganar, pois essa proposta está em constante evolução, sendo aprimorada por Chomsky, que elaborou a Gramática Gerativa, também conhecida como Gramática Universal. Essa abordagem segue os princípios iniciais estabelecidos por Port-Royal. No entanto, diferentemente das demais, a Gramática Gerativa passou por transformações, como discutido no capítulo anterior.

Com base nessa breve contextualização e no resgate de informações anteriormente não abordadas neste artigo, que serão exploradas posteriormente, vamos prosseguir com uma análise que busca verificar se a GPLP (Gramática Pré-Linguística da Língua Portuguesa) pode ser considerada uma Protogramática Geral da Língua Portuguesa. Para isso, iremos retomar informações das seções anteriores e apresentar novos dados que ainda não foram considerados. Um dado relevante a ser destacado é o discurso proferido por J. S. Mill durante a cerimônia de abertura em St. Andrews, em 1867, no qual ele enfatiza que

*“A Gramática... é o começo da análise do processo mental. Os princípios e as regras gramaticais são os meios pelos quais são feitas as formas de linguagem, as formas de linguagem são feitas para corresponder às formas universais de pensamento. As distinções entre as várias partes do discurso, entre os casos dos substantivos, os modos e tempos dos verbos, as funções das partículas, são distinções do pensamento, não apenas das palavras.... A estrutura de cada frase é uma lição de lógica (Discurso inaugural em St. Andrews, 1867, citado com desaprovação moderna característica por Jespersen, *The Philosophy of Grammar*, London, Alien and Unwin, 1924, p. 47).” (Chomsky, 1969, p. 72-73, nota 59, tradução nossa).*

De acordo com o fragmento acima, é possível perceber que Mill defende a ideia de que a gramática tem início com o processo mental, esse processo correspondente, conforme apresentado no excerto, a uma percepção internalizada do próprio ser humano, onde será processado e organizado os princípios e regras gramaticais para, então, articular a língua a partir

de um processo lógico de estrutura frasal que irá se concretizar na fala e na escrita de uma determinada língua. A partir dessa perspectiva apresentada, podemos dizer que a Gramática Geral está instituída dentro da análise do processo mental, registrando e processando os princípios e regras gramaticais que permeiam toda e qualquer gramática particular de uma língua natural qualquer.

Nesse sentido, Soares Barbosa (1871, p. XI) também traz esse olhar para o uso de princípios e regras gramaticais, destacando que

“Toda a Grammatica é um systema methodico de regras, que resultam das observações feitas sobre os usos e factos das línguas. Se estas regras e observações tem por objecto tão somente os usos e factos de uma língua particular, a grammatica será também particular. Se ellas porém abrangem os usos e factos de todos ou da maior parte dos idiomas conhecidos, a sua Grammatica será geral.”

Ademais, podemos observar que tanto Soares Barbosa quanto à Gramática Gerativa propõem a existência de uma Gramática Geral. Essa Gramática Geral é fundamentada em regras que podem ser aplicadas tanto a uma língua particular quanto a uma abordagem mais ampla. É interessante notar que a Gramática de Port-Royal desempenha um papel fundamental nesse contexto, sendo uma referência tanto para Soares Barbosa em sua *Grammatica Philosophica* quanto para a própria Gramática Gerativa. A influência de Port-Royal é tão significativa que Chomsky (1969) destaca que a teoria da gramática transformacional generativa pode ser considerada uma versão moderna e mais explícita da teoria de Port-Royal. Essa conexão reforça a importância e a relevância das ideias propostas por Port-Royal ao longo do desenvolvimento da Gramática Geral.

Ora, se a Gramática Gerativa (GG) é uma versão mais moderna da teoria de Port-Royal, e sabendo que GPLP também parte dos princípios da teoria de Port-Royal, então o que temos são duas gramáticas que partem de um mesmo processo ideológico na concepção de uma gramática de envergadura Universal, cabendo portanto relacionar aqui os pontos convergentes entre a GPLP com a GG.

5.1 Pontos convergentes entre a GPLP e a GG

Tomemos a fala de Soares Barbosa (1871, p. x-xi) como princípio para a presente seção:

“A Grammatica pois, que não é outra coisa, segundo temos visto, senão a arte que ensina a pronunciar, escrever e fallar correctamente qualquer lingua, tem naturalmente duas partes principaes: uma mechanica, que considera as palavras como meros vocábulos e sons articulados, já pronunciados, já escriptos, e como taes sujeitos ás leis physicas dos corpos sonoros e do movimento; outra lógica, que considera as palavras, não já como vocábulos, mas como signaes artificiaes das idéas e suas relações, e como taes sujeitos ás leis psychologicas que nossa alma segue no exercicio das suas operações e formação de seus pensamentos: as quaes leis, sendo as mesmas em todos os homens de qualquer nação que sejam ou fossem, devem necessariamente communicar ás línguas, pelas quaes se desenvolvem e exprimem estas operações, os mesmos princípios e regras geraes que

as dirigem. Á parte mechanica das línguas e sua grammatica pertencem a Orthoepia e a Orthographia, e á parte lógica pertencem a Etymologia e a Syntaxe."

Nessa direção, Soares Barbosa apresenta uma visão abrangente da sua Gramática *Philosophica*, destacando duas partes principais: uma parte mecânica e outra lógica. Na parte mecânica, a gramática trata as palavras como vocábulos e sons articulados, sujeitos às leis físicas dos corpos sonoros e do movimento. Por outro lado, na parte lógica, as palavras são consideradas como sinais artificiais das ideias e suas relações, sujeitas às leis psicológicas que governam as operações mentais e a formação de pensamentos. Essas leis, sendo universais para todos os seres humanos, devem necessariamente ser transmitidas às línguas, por meio das quais as operações mentais são expressas, seguindo os mesmos princípios e regras gerais. Na parte mecânica das línguas e sua gramática estão inclusas a Ortópia (*Orthoepia*) e a Ortografia, enquanto na parte lógica estão inclusas a Etimologia e a Sintaxe. Essa distinção evidencia a complexidade da gramática e a variedade de elementos envolvidos na compreensão e uso adequado da linguagem.

Dentre as duas partes, focaremos na segunda parte, livros III e IV, a qual lida com os fatores estruturais da Gramática Geral/Universal como ponto de convergência entre a GPLP e a GG.

Como visto anteriormente, o terceiro livro da GPLP traz em sua base conceitual compreender a palavra para além do simples vocábulo, como mencionado na citação anterior. O Livro da Etimologia busca desanuviar a natureza das palavras, a de ensinar *"as especies de palavras que entram na composição de qualquer oração, e a analogia de suas variações e propriedades geraes"* (Soares Barbosa, 1871, p. 1), a depender da posição que assumem dentro da oração, verificando a função e a representação que exercem. Vejam que deste modo, podemos destacar que a partir desse desnudar da palavra enquanto sinais artificiais de nossas ideias, olhar a posição em que a palavra se encontra dentro da sentença será possível compreender sua forma etimológica, ou seja, sua função dentro da oração.

Soares Barbosa (1871, p. x) destaca que:

"Na Etymologia pois não consideram os grammaticos as palavras senão em si mesmas, attendendo ás suas funcções e natureza. Passando porém depois a olhal-as unidas em discurso para formarem os diferentes painéis do pensamento, observaram que segundo as diferentes relações que as idéas tinham entre si, ou de identidade e coexistência, ou de determinação e subordinação, assim as palavras para representarem estas relações mutuas, tomavam ou diferentes fôrmas e terminações, ou diferentes preposições, pelafe quaes ou concordavam entre si, ou regiam umas a outras; e a esta ordem das partes da oração, segundo sua correspondência ou sua subordinação, deram os grammaticos o nome de Syntaxe, que quer dizer coordenação de partes."

Ou seja, através da fala de Soares Barbosa, olhar o vocábulo a partir dela mesma e a partir desse olhar determinar suas funções e natureza leva a uma contradição inerente à própria constituição da oração, pois passa a desconsiderar a função que esse vocábulo pode assumir

dentro da oração, extrapolando sua classificação isolada para uma nova classificação a partir do conjunto das ideias que se formam dentro da sentença/oração.

Neste ponto, é preciso destacar que o vocábulo ele se manifesta em dois modos:

“[...] ou acrescentando-lhes syllabas, para lhes acrescentar ou diversificar as idéas accessorias que com estas mudanças crescem á significação principal da palavra; e estas alterações, como se fazem por meio da declinação dos nomes, da conjugação dos verbos, e da derivação ou composição das palavras, pertencem á Etymologia: ou acrescentando-lhes, diminuindo e transpondo syllabas, para abbreviar e facilitar mais a pronunciação dos vocábulos sem lhes alterar a significação; e estas alterações são as que propriamente pertencem á Orthoepia.” (Soares Barbosa, 1871, p. 16)

Desse modo, é importante compreender tanto a Etymologia quanto à Orthoepia, a fim de analisar a palavra como uma unidade carregada de significados e capaz de ser classificada com base em sua função na frase. Em relação à Etymologia, podemos considerar a representação semântica que a palavra desempenha dentro da oração. Por outro lado, ao abordarmos a Orthoepia, concentramo-nos na própria palavra, adotando uma perspectiva morfológica que se preocupa exclusivamente com sua estrutura isolada. Portanto, é essencial ter em mente essas duas abordagens para uma compreensão completa do vocábulo.

Com base nessa compreensão da representação do vocábulo em relação à semântica que ele assume dentro da oração, fica evidente que a gramática não pode ser abordada apenas por modelos canônicos tradicionais, como os propostos pelos jesuítas. Em vez disso, é necessário considerar uma abordagem mais abrangente, como a Gramática Geral/Universal. Essa abordagem reconhece que a gramática consiste em uma estrutura limitada de princípios e regras que são aplicados com base em estímulos externos durante a aquisição de uma determinada língua. Embora a organização frasal possa variar entre as línguas, os princípios e regras gramaticais que fazem parte do processamento mental da linguagem permanecem inalterados. Esse pensamento se repete na Gramática Gerativa, conforme já exposto na seção anterior, em que a proposta base da GG está em dividir as sentenças/orações em partes menores e destas partes criar arranjos gramaticais, isso a partir da Gramática Gerativa Transformacional. Deste modo, a relação entre a GPLP e a GG já tem seus primeiros contatos, pois ambas as gramáticas partem da ideia de que os vocábulos, as palavras ao serem aplicadas dentro de uma regra gramatical, ou de uma determinada estrutura frasal, ela apresentará as mesmas categorias linguísticas/semânticas da palavra pelo todo e não da palavra pela palavra.

É importante evidenciar nesse processo que a GPLP possui três níveis a serem considerados nesse processo de relação com a GG, conforme já delineados, e agora de forma mais direcionada a partir do que Lopes (1986/1987, 45) nos apresenta:

“1) o nível profundo, das estruturas universais, em que se aloja a gramática geral, que contém as idéias (= classes de noções gerais do entendimento), e as combinações, produzidas pelas duas operações do entendimento, conceber e julgar, o conjunto disso tudo formando o “systema lógico” da Gramática Geral sobre a qual se erige o “systema etymológico” (i.é, a taxionomia e a sintaxe) das línguas particulares:

2) um nível de mediação, o das estruturas sintáticas, em que se aloja o "systema etymologico" de SB, no qual distinguiremos, como nomenclatura atualizada, dois subcomponentes, o taxionômico (ou "morfológico") e o operacional (ou "sintático propriamente dito) (equivalentes, respectivamente, ao "etymologico" e ao "sintático" na gramática filosófica):

3) o nível de manifestação, das estruturas fonéticas particulares, encarregadas de efetuar a representação exterior, "mechanica" das palavras sob a forma de vocábulos, parte física e material das línguas que, a partir de Hjelmslev, a lingüística estrutural passou a designar como substância de expressão."

No primeiro nível, o nível profundo elencado por Lopes, também destacado por Soares Barbosa (1871, p. 69), quando menciona que "o sistema etymológico de qualquer Língua está necessariamente fundado sobre systema lógico das ideias [...]", ou seja, trata-se de um processo mental que antecede a linguagem, elevando aí, os princípios básicos da Gramática Geral.

Lopes (1986/1987, 45) destaca que o componente semântico proposto por Soares Barbosa não se distingue do componente lógico da instância fundamental, já que o "systema lógico das ideias [...] é o mesmo, fundamental, em todos os homens".

Como exposto, podemos apresentar a seguinte composição lógica operacional, conforme destaca Lopes (1986/1987): 1ª operação: o entendimento produz as ideias, ou seja, conceber classes de noções gerais sobre o objeto de conhecimento; 2ª operação: é o julgar, combinar as ideias para produzir juízos, raciocínios;

As duas operações são desenvolvidas por Soares Barbosa (1871, p. 73-74) e assim explicadas quanto ao campo das ideias e das combinações:

"Ora não sendo as palavras senão signaes dos nossos pensamentos, não podem constituir outras classes geraes que não sejam as d'estes mesmos pensamentos; e como estes não são senão idéas ou combinações das mesmas, as palavras discursivas que os exprimem, de necessidade se devem também reduzir a duas classes geraes, como nos methodos analyticos do calculo; umas que caracterisam e nomeiam as idéas, e outras que as combinam entre si. As primeiras se podem chamar nominativas, e as segundas combinatorias ou conjunctivas."

Percebam que Soares Barbosa alinha seu discurso em construir operações racionais e lógicas quanto aos princípios e elementos da língua. E a partir do método analítico apontado pelo autor, destaca-se as palavras nominativas (substantivos e adjetivos) que exprimem ideia, e as palavras combinatórias (verbo, preposição e conjunção) que exprimem relação.

A esse respeito, Lopes (1986/1987, 45) exemplifica destacando que:

*"[...] o Substantivo, operando a representação da idéia de algo que subsiste por si mesmo (hoje diríamos os atores e/ou actantes), exprime no discurso o Sujeito da proposição;
[...] o Adjetivo, representando a idéia de qualidade ou propriedade que não pode subsistir por si mesma, existindo apenas em um ator-Sujeito, é a palavra que exprime o Atributo da proposição."*

Partindo dessa perspectiva, somos convocados a uma reflexão quanto à presença de um sujeito e um atributo desse sujeito, para então se desenvolver o processo combinatório e a formação de um juízo, uma proposição.

Nesse sentido, veja o exemplo abaixo:

Ex.: *“Snoop está branco.”*

Temos na oração acima duas ideias: “Snoop”, que é o sujeito da proposição; “branco” que é o atributo da proposição; e, o verbo “estar” entra como o elemento combinatório. Assim, a combinação do sujeito com o seu atributo confirmando a coexistência das duas ideias constrói-se um juízo de valor. E o juízo é a proposição.

“Definindo a proposição como a representação lingüística resultante da enunciação de um juízo a que previamente concebeu como afirmação da coexistência, conveniência e identidade entre as duas idéias contidas no sujeito e no atributo, SB chega à concepção de uma proposição atributiva, espécie de enunciado canônico ou kernel sentence, da forma

Prop. Atribut. = Subst + V + Adj” (Lopes, 1986/1987, p. 46)

Para Soares Barbosa (1871, p. 255),

“Toda a oração tem necessariamente tres termos, um que exprime a pessoa ou coisa, da qual se diz e enuncia alguma coisa; outro que exprime a coisa que se enuncia; e o terceiro que exprime a identidade e coexistência de uma coisa com outra. O primeiro termo chama-se sujeito, o segundo attributo, e o terceiro verbo. Toda oração, pois, é composta de um sujeito, de um attributo e de um verbo, os quaes se exprimem ou com tres palavras, eu sou amante; ou com duas equivalentes ás tres, sou amante, ou com uma só que concentra em si as tres, como: amo.”

A partir desse nível profundo, temos o segundo nível, o nível de mediação, que se trata das estruturas sintáticas. Esse nível está dividido em dois subcomponentes: a taxionômica (ou morfológica) e o operacional (ou sintáxico propriamente dito).

O primeiro refere-se ao taxionômico, a língua opera sobre o pensamento, segmentando-o em partes, *“as idéias que se manifestam linguisticamente como palavras discursivas, classes de noções gerais”* (Lopes, 1986/1987, p. 46), ou seja, as palavras estão no campo do paradigmático, aguardando que o conjunto das ideias se manifestem a partir das combinações para então passarem para uma representação linguística pela proposição.

O segundo, trata-se do operacional do enunciado,

“[...] aquele que efetuará a representação do pensamento sob a forma de uma proposição, em cada ato de enunciação concretamente realizado como operação de combinar e coordenar entre si as palavras estocadas em competência, a nível do subcomponente taxionômico. [trata-se do conjunto combinatório].” (Lopes, 1986/1987, p. 47)

Diante o exposto, podemos dizer que enquanto a taxionomia processa as ideias e procura elementos para gerar a proposição mais adequada, o operacional coloca em prática o processo iniciado no campo das ideias, transpondo para o campo discursivo, da linguagem.

Por fim, há o terceiro nível, que é o nível da manifestação das estruturas fonéticas específicas. Nesse nível, ocorre o processo mecânico em que as palavras e as proposições são reproduzidas por meio da fala ou da escrita, abrangendo a dimensão física e material das línguas.

Ao compreendermos a parte lógica da Gramática Geral/Universal, que engloba a Etimologia e a Sintaxe, torna-se evidente que o processo mental e o desenvolvimento do uso da linguagem seguem um padrão estabelecido pelas línguas, que transcende fronteiras linguísticas. Isso ocorre porque a proposta de uma Gramática Geral ou Universal está intrinsecamente ligada à natureza humana, independentemente de nacionalidade ou país. Essa visão é fundamentada na *Grammatica Philosophica da Linguaga Portuguesa*, de Soares Barbosa, que não é a única obra do gênero, mas abrange um conjunto limitado, porém abrangente, de informações sobre o funcionamento de uma Gramática Geral, desde os primeiros processos mentais até a concretização da teoria proposta.

6. Considerações Finais

A *Grammatica Philosophica da Linguaga Portuguesa*, de Soares Barbosa, não pode ser considerada uma protogramática gerativa, devido as especificidades que a Gramática Gerativa de Chomsky possui, mas podemos considerá-la a primeira Gramática Geral/Universal da língua portuguesa. Assim como seus antecessores e sucessores, Soares Barbosa se empenhou em explorar a ideia de uma gramática que abrangesse um conjunto completo de elementos e princípios, seguindo uma abordagem canônica. Ao longo de sua obra, ele também reflete sobre o funcionamento da língua como um mecanismo unificador das línguas, semelhante ao que ocorre na Gramática Gerativa. Ambas as abordagens partem da premissa de que existem elementos gramaticais essenciais para a organização linguística e estrutural de qualquer língua.

É importante ressaltar que a obra de Soares Barbosa foi escrita no início do século XIX. Embora seja uma contribuição significativa, é evidente que a obra está longe de ser perfeita. Ao longo de sua escrita, que pode ser considerada truncada e generalista, podem ser identificadas ponderações que hoje em dia são claramente compreendidas e criticadas. Um exemplo disso é sua abordagem generalista, na qual propõe que as diferenças entre as línguas se limitam à parte material dos vocábulos, o que, como sabemos agora, não é a única característica relevante. É interessante observar que, embora Soares Barbosa tenha buscado romper com o sistema tradicional dos séculos XVIII e XIX, ele se baseia na Gramática de Port-Royal e na obra *Verdadeiro Método de Estudar*, de Verney, ambos propondo uma Gramática Geral.

Até os dias atuais, é possível observar a existência de diversas gramáticas que seguem os parâmetros estabelecidos pelos jesuítas. No entanto, ao analisarmos as Gramáticas de Soares Barbosa e Chomsky, em particular a Gramática Gerativa, percebemos que ambas compartilham a noção de uma Gramática Geral/Universal. Podemos arriscar a afirmar que a proposta da Gramática Universal oferece uma compreensão esclarecedora de que as línguas são meros

rótulos para padrões linguísticos que refletem a mesma realidade lógica dos elementos gramaticais no nível mais profundo do pensamento.

É evidente que este estudo preliminar apresenta amplas possibilidades de desenvolvimento, requerendo uma análise mais aprofundada e criteriosa das duas obras anteriores à *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa* (GPLP): a Gramática de Port-Royal e o *Verdadeiro Método de Estudar*, de Verney. Uma abordagem paralela e comparativa entre essas quatro gramáticas permitiria estabelecer as competências individuais de cada uma e explorar suas perspectivas iniciais e finais de forma mais completa e abrangente.

Declaração de conflito de interesses

Nós, Adriana Alves De Lima e Adel Malek Hanna, autores do manuscrito intitulado “A Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, de Soares Barbosa, como proposta à uma Gramática Universal da Língua Portuguesa” declaramos que não possuímos nenhum tipo de conflito de interesse, de forma direta ou indireta.

Sobre os autores

Adel Malek Hanna: Docente no Centro Universitário U:VERSE e na Faculdade da Amazônia-UNAMA. Doutorando em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre-UFAC (2020). Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre-UFAC (2012). Graduado em Letras e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR/Vilhena (2006). Interesse de pesquisa na área de Letras: Linguagem e Identidade, Teoria Literária, Linguística e Literatura.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1692-0341>.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7132485257463070>.

Adriana Alves de Lima: Professora efetiva de Língua Portuguesa e respectivas literaturas, na rede pública estadual de ensino da educação básica, na Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, no Acre. Doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre-UFAC (2020). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR (2017). Graduada em Letras Português e respectivas literaturas pela Universidade Federal do Acre – UFAC (2012). Tem interesse de pesquisa na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Linguística, Discurso e Formação de Professores.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4197-3987>.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1089782908019561>

Referências

Araújo-Adriano, Paulo Ângelo; Corôa, Williane. Noam Chomsky e o funcionamento da linguagem: menos é mais!. Publicado por [Thiago Oliveira da Motta Sampaio](#), em 10 jan. 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/2020/01/10/noam-chomsky-e-o-funcionamento-da-linguagem-menos-e-mais/>. Acesso em: 16 maio 2023.

- Cagliari, Luiz Carlos. A escrita na gramática de Jerônimo Soares Barbosa. *Anais de Seminários do Gel*, v. 10, n. 1, p. 93-97, 1985. Disponível em: <https://xdocs.com.br/doc/a-escrita-na-gramatica-de-jsbarbosa-loywmy22ql83>. Acesso em: 17 maio 2023.
- Carvalho, Danniell da Silva; Souza, Lílian Teixeira de. Introdução. *In: Gramática gerativa em perspectiva* [livro eletrônico]. Organizado por Danniell da Silva Carvalho e Lílian Teixeira de Sousa. São Paulo: Blucher, 2018.
- Chomsky, Noam. Estruturas sintáticas [Ebook]. Tradução e comentários de Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi. – Petrópolis,RJ : Vozes, 2018. – (Coleção de Linguística)
- Chomsky, Noan. El problema de investigación de la lingüística moderna. *In: El lenguaje y los problemas del conocimiento*. Conferencias de Managua. Madrid: Visor, 1989. Conferencia 2. Disponível em: https://www.academia.edu/6743864/El_lenguaje_y_los_problemas_del_conocimiento. Acesso em: 19 maio 2023.
- Chomsky, Noan. Lingüística Cartesiana: Un capítulo de la historia del Pensamiento Racionalista. Versión Española de Enrique Wulff. Madri: Biblioteca Románica Hispánica – Editorial Gredos, S.A., 1969. [Título Original: Cartesian Linguistics. A Chapter in the History of Rationalist Thought. Harper & Row, Publishers, Incorporated, New York, 1966.]
- Chomsky, Noan. Reflexões sobre a linguagem. São Paulo: Cultrix, 1980
- Coelho, Sónia Catarina Gomes. A Grammatica Philosophica Da Lingua Portugueza: Edição Crítica, Estudo e Notas. Edição: Centro de Estudos em Letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, Portugal: Createspace Independent Publishing Platform, 2013. ISBN: 978-1494302214
- ELINC – Estudos em linguagem e Cognição. Gerativismo. Disponível em: http://www1.pucminas.br/paginas/index_padrao.php?pagina=2519#:~:text=O%20empreendimento%20da%20gram%C3%A1tica%20gerativa,de%20forma%20computacional%20sobre%20essas. Acesso em: 18 maio 2023.
- Ferreira, Carolina Parrini. A retomada de complementos verbais no espanhol madrileno: um estudo comparativo entre as falas infantil e adulta. *In: Carvalho, Gisele; Rocha, Décio; Vasconcellos, Zinda. Linguagem: Teoria, Análises e Aplicações (7)*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras/UERJ. 2013.
- Kenedy, E. Gerativismo. *In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). In.: Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140. Disponível em: http://www.gepex.org/eduardo/artigos_arquivos/manualdelinguistica_2008.pdf. Acesso em: 15 maio 2023.
- Moura, Maria Denilda Maria Denilda et al. Teoria da gramática: tendências e perspectivas. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 29, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/193253794.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.
- Neves, Maria Helena de Moura. A vertente grega da gramática tradicional [livro eletrônico]: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem. 2.ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

- Oliveira, Daniele Felizola de. Aspectos inovadores no estudo da ortoépia e da ortografia na Gramática filosófica (1822) de Jerônimo Soares Barbosa. *Confluência*, v. 1, n. 52, p. 271-289, 2017. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/187>. Acesso em: 16 maio 2023.
- Soares Barbosa, Jerônimo. *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Princípios da Grammatica Geral Aplicados à nossa Linguagem*. 5ª ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, MDCCCLXXI (1871).
- Verceze, Rosa Maria A. Nechi. Gerativismo: suas contribuições para a linguística. *Revista Philologus*, Ano 15, N° 43. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO15/43/07.pdf>. Acesso em: 16 maio 2023.
- Wasow, Thomas. *Generative grammar*. *The handbook of linguistics*, p. 295-318, 2001. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/book/10.1002/9781119072256#page=132>. Acesso em: 18 maio 2023.

Creative Commons licensing terms

Author(s) will retain the copyright of their published articles agreeing that a Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC BY 4.0) terms will be applied to their work. Under the terms of this license, no permission is required from the author(s) or publisher for members of the community to copy, distribute, transmit or adapt the article content, providing a proper, prominent and unambiguous attribution to the authors in a manner that makes clear that the materials are being reused under permission of a Creative Commons License. Views, opinions and conclusions expressed in this research article are views, opinions and conclusions of the author(s). and European Journal of Literature, Language and Linguistics Studies shall not be responsible or answerable for any loss, damage or liability caused in relation to/arising out of conflicts of interest, copyright violations and inappropriate or inaccurate use of any kind content related or integrated into the research work. All the published works are meeting the Open Access Publishing requirements and can be freely accessed, shared, modified, distributed and used in educational, commercial and non-commercial purposes under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).